

EDITORA



UnB

EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

Do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB

Catarina de Almeida Santos
Andréia Mello Lacé
Ana Maria de Albuquerque Moreira
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

(organizadoras)



 EXTENSÃO
INSURGENTE



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

**Do centenário de Paulo Freire e
Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB**

Catarina de Almeida Santos

Andréia Mello Lacé

Ana Maria de Albuquerque Moreira

Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

(organizadoras)



Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Maria Thalita dos Santos Pessôa
Diagramação	Larissa Gomes dos Santos Viana
Fotos de capa	Paulo Freire Contemporâneo, frame de vídeo - Ministério da Educação, via Domínio Público Darcy Ribeiro - Cedoc - Arquivo Central UnB Universidade de Brasília - Beto Monteiro
	© 2023 Editora Universidade de Brasília
	Direitos exclusivos para esta edição: Editora Universidade de Brasília Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF CEP: 70910-900 Site: www.editora.unb.br E-mail: contatoeditora@unb.br
	Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

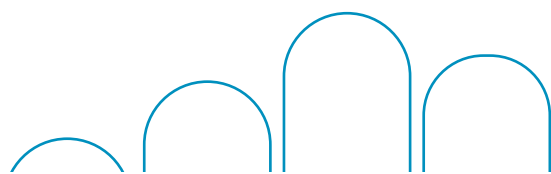
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

E24 Educadoras e educadores brasileiros [recurso eletrônico] : do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB / (organizadoras) Catarina de Almeida Santos ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2024.
170 p.

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-270-5.

1. Universidade de Brasília - História. 2. Educadoras - Brasil. 3. Educadores - Brasil. I. Santos, Catarina de Almeida (org.).

CDU 37 (81)



Sumário

Prefácio 7

Olgamir Amancia Ferreira

Os 60 anos da Universidade necessária e as educadoras e os educadores brasileiros 11

Catarina de Almeida Santos
Andréia Mello Lacé
Ana Maria de Albuquerque Moreira
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

Paulo Freire: educando para a libertação 21

Cristiano Garboggini Di Giorgi
Andréia Nunes Militão

Do direito à educação à Universidade de Brasília no pensamento anisiano 37

Maria Zélia Borba Rocha

Florestan Fernandes e a educação: da Campanha de Defesa da Escola Pública à construção de uma pedagogia socialista 57

Diogo Valença de Azevedo Costa

Nísia Floresta: autobiografia, pesquisas e perspectivas 75

Alyanne de Freitas Chacon

Formação social, estado e educação brasileira: o projeto quilombista como alternativa civilizatória e pedagógica em Abdias do Nascimento 93

André Luis Pereira
Camilla Meneguel Arenhart



Nise da Silveira: uma educadora rebelde 111

Felipe Magaldi

Anália Franco: a educadora que o Brasil precisa conhecer 129

Samantha Lodi-Corrêa

**Os 60 anos da UnB no centenário de Darcy Ribeiro
e a necessária luta por um novo amanhecer** 149

Catarina de Almeida Santos

Andréia Mello Lacé

Ana Maria de Albuquerque Moreira


Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

Um posfácio, um convite ao inacabamento 157


Andressa Pellanda

Nise da Silveira e a humanização da doença mental 161

Franklin Chang



Os 60 anos da Universidade necessária e as educadoras e os educadores brasileiros



*Catarina de Almeida Santos
Andréia Mello Lacé
Ana Maria de Albuquerque Moreira
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira*

*A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se
inacabado; é um ser na busca constante de ser mais.*

Paulo Freire

No mês de agosto de 1985, Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque assumiu o cargo de reitor da Universidade de Brasília, mas não se tratava de uma posse qualquer. Ele foi o primeiro reitor eleito por eleição direta após quase 24 anos de ditadura, que haviam interrompido o sonho concebido por Darcy Ribeiro e construído por tantos outros. Mas como sonhos revolucionários não são matáveis, a crueldade dos ditadores não foi capaz de matar o projeto mais inovador de universidade que temos. Exatamente por ter sido idealizado para não se fechar em si mesma, mas para pensar o país e ajudar na construção de uma outra realidade política, social e econômica.

Darcy Ribeiro, em seu discurso na posse de Cristovam, falou sobre como e para que a UnB foi pensada. Ao discorrer sobre a interrupção desse sonho e ao explicar todos os problemas que o país viveu, o que deixou de fazer e os desafios que tínhamos e, infelizmente, ainda temos, Ribeiro firmou:

esta Universidade de Brasília existe para tomar estes problemas em sua carnalidade; a fim de equacioná-los. Existe para entender o Brasil com toda profundidade, e a primeira tarefa que se impõe no exercício dessa missão é ter coragem de lavar os olhos para ver nossa realidade, é perscrutá-la, é examiná-la, é analisá-la. O Brasil, entendido como seu povo e seu destino, é nosso tema e nosso problema (Ribeiro, 1985, p. 14).

A sexagenária e tão sonhada Universidade de Brasília, inaugurada no dia 21 de abril de 1962, resultou da luta de Darcy Ribeiro, que contou com a ajuda de muitos aliados que não se furtaram a dar seu apoio quando este precisou. Anísio Teixeira, considerado por Darcy o educador mais brilhante do Brasil e o homem mais inteligente e cintilante, deu seu apoio na construção da nossa UnB, que, segundo ele, se transformaria “no primeiro marco da integração universitária no Brasil. Ao invés da atual organização ganglionar, senão pulverizada, a nova Universidade será verdadeiramente a unidade na diversidade. Pelo menos uma vez, vamos ser fiéis à semântica” (Teixeira, 2012, p. 106).

Esse projeto foi interrompido em março de 1964, por ocasião do golpe de Estado, quando a nossa agora sexagenária era apenas uma criança de 1 ano e 11 meses. Darcy Ribeiro, de forma emocionada, lembrou esse momento na posse do primeiro reitor eleito, afirmando que aquele momento representava para ele o dia do renascimento, pois a universidade que funcionou sob o comando dos ditadores, que não era digna de ser chamada de universidade, morreu como íbis, a ave que se queima. Naquele momento, a UnB renascia para ser o que houvera sido.

Renascia com a responsabilidade e a importância que ela tinha e tem. Disse Darcy que o Brasil não poderia passar sem uma universidade

que tenha o inteiro domínio do saber humano e que o cultive não como um ato de fruição erudita ou de vaidade acadêmica, mas com o objetivo de, montada nesse saber, pensar o Brasil como problema. Esta é a tarefa da Universidade de Brasília. Para isso ela foi concebida e criada. Este é o desafio que hoje, agora e sempre ela enfrentará (Ribeiro, 1985, p. 5).

A proposta desse livro nasce desse compromisso deixado pelos seus dois maiores idealizadores, que são referências para todas e todos nós, de fazer com que a UnB seja essa grande referência no papel de pensar o Brasil, de pautar os temas nacionais, de pensar o país como um problema e ajudar a buscar as soluções para transformar a realidade do povo brasileiro. Assim, o livro resulta do curso de extensão Educadoras e educadores brasileiros: do centenário de Paulo Freire aos 60 anos da UnB, idealizado em parceria com a Campanha Nacional Pelo Direito à Educação e ofertado remotamente no segundo semestre de 2021, em pleno auge da pandemia, pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

O curso tratou da vida, obra e das contribuições de educadoras e educadores do Brasil, que foram e são tão importantes para nos ajudar a pensar caminhos, propostas, ações e políticas para os diferentes problemas do país e sua imensa riqueza cultural, de modo a combater e reverter as suas desigualdades. Trouxemos para o debate Anísio Teixeira e seu fundamental papel na luta pela educação como direito, o que o torna um verdadeiro estadista da educação; Darcy Ribeiro, em seu centenário, abordando suas muitas e múltiplas contribuições para o país em diferentes campos, sem as quais essa instituição, que completou seus 60 anos de existência, possivelmente não existiria; Abdias do Nascimento, e sua atuação de importância ímpar e imprescindível nos diferentes espaços em que atuou, na luta

contra o racismo e o genocídio da população negra, inclusive a morte cultural e epistêmica; Florestan Fernandes e os dilemas educacionais brasileiros, seu pensamento sociológico e pedagógico; Paulo Freire, em seu centenário, e sua inestimável luta por uma educação para a libertação; Anália Franco, essa fantástica educadora que o Brasil precisa conhecer; Nise da Silveira e sua luta por uma forma humanizada de tratar a saúde mental, que desencadeou uma nova forma de olhar os doentes mentais no país; além de Nísia Floresta e seu papel para o empoderamento das mulheres.

O curso foi pensado e desenvolvido em parceria com a Campanha Nacional Pelo Direito à Educação, instituição formada por educadores e ativistas pelos direitos humanos, e sobretudo pelo direito humano à educação, assim como nossos/as educadores e educadoras. Foi planejado de modo a ser implementado de forma colaborativa com docentes de outras instituições públicas brasileiras.

Frente ao cenário em que vivíamos e que marca a nossa realidade atual, entendemos que a nossa UnB precisava cumprir seu papel primordial, defendido por seus idealizadores, e ofertar um curso dessa envergadura. Em momentos de negação da história e da ciência, é importante mostrar que nossas lutas vêm de longe, que as problemáticas que vivenciamos, sobretudo nos últimos anos, têm raízes históricas, e que seus algozes continuam na ativa, com voraz sede de poder.

Quando planejamos a oferta do curso em 2020, o Brasil e o mundo estavam imersos na maior crise sanitária do nosso tempo: a pandemia de covid-19, causada pelo coronavírus. Estávamos concentrados em busca de caminhos e enfrentando o negacionismo daqueles que deveriam estar à frente dos problemas, o qual trouxe graves consequências, vitimando mais de 700 mil vidas e deixando sequelas graves para a sociedade como um todo. A gravidade só não foi maior devido ao papel desempenhado pelas instituições públicas, dentre elas o Sistema Único de Saúde, as Universidades e os institutos de pesquisa, que se debruçaram a pensar nos problemas que estávamos enfrentando e a buscar soluções, como vacinas e equipamentos que pudessem salvar vidas.

Nesse contexto, entendemos que desempenhamos o que nos legou Darcy Ribeiro ao afirmar que, frente às questões e problemas do país, as universidades têm que se mobilizar. É nelas, disse ele, “e muito especialmente nesta minha, nossa Universidade de Brasília, que ponho minhas esperanças maiores, de ver um pensamento utópico concreto de formular, conclamando os brasileiros a definir aqui e agora o Brasil que há de ser” (Ribeiro, 1985, p. 28).

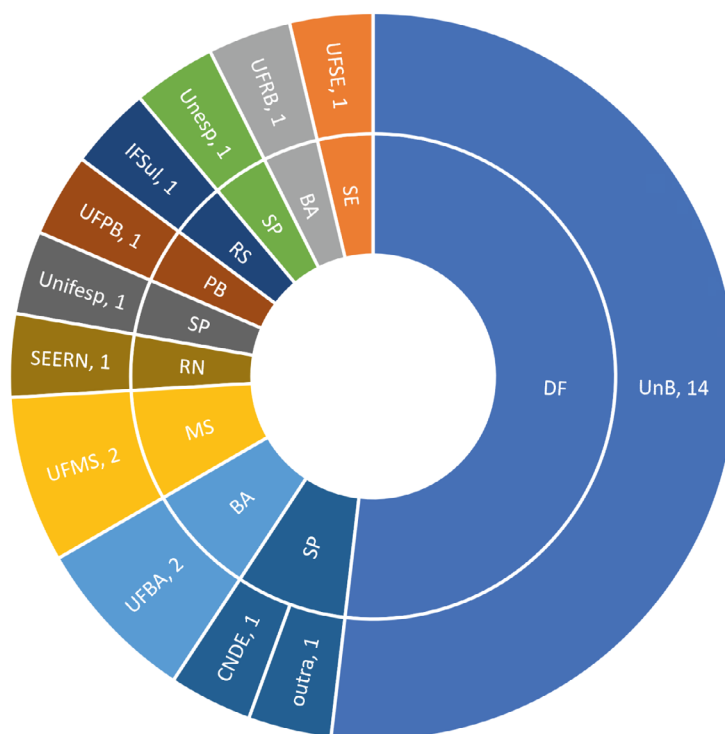
Darcy, como grande conhecedor das questões desse país e de seus mandatários, das elites econômicas brasileiras, delegou a nós o papel de mobilizar a população para fazer um outro país, um Brasil para o povo brasileiro, e assinalou a responsabilidade social e o

papel da universidade como a Casa em que a Nação brasileira se pensa a si mesma como problema e como projeto. Não podemos deixar isso em mãos dos políticos; menos ainda, em mãos dos militares ou de seus sequazes tecnocratas; eles não têm nem identidade nacional efetiva, nem grandeza mental o suficiente para pensar o Brasil em todas as suas potencialidades, vendo nosso povo como protagonista da história universal (Ribeiro, 1985, p. 24).

Enfrentar a pandemia no país, tendo como chefe do Estado um presidente militar que colocou outro militar para gerir o Ministério da Saúde, ambos sem competência e muito menos preocupação com o povo brasileiro, mostrou o quanto Darcy Ribeiro tinha razão. Para enfrentar os ataques à educação, às educadoras e os educadores, às escolas e universidades e, conseqüentemente, ao povo brasileiro, era fundamental articularmos professoras e professores de diferentes instituições, para, juntamente com o grupo da UnB, ofertar um curso primordial para pensar e mobilizar o Brasil frente à realidade, por meio de estudos e debates daqueles e daquelas que sempre lutaram para construir o Brasil para a sua população. Foi também essencial fazer com que o curso chegasse nos diferentes recantos do país e fosse apresentado para educadores de redes e escolas municipais, estaduais e distritais de educação básica; professores de universidades federais, estaduais e de Institutos Federais; estudantes da educação básica e superior; ativistas; agentes políticos, dentre outros.

Assim, contamos com a participação de professores e professoras, estudantes de diferentes universidades públicas, da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação (CNDE), assim como da Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Norte (SEERN), conforme pode ser observado no gráfico 1, que segue:

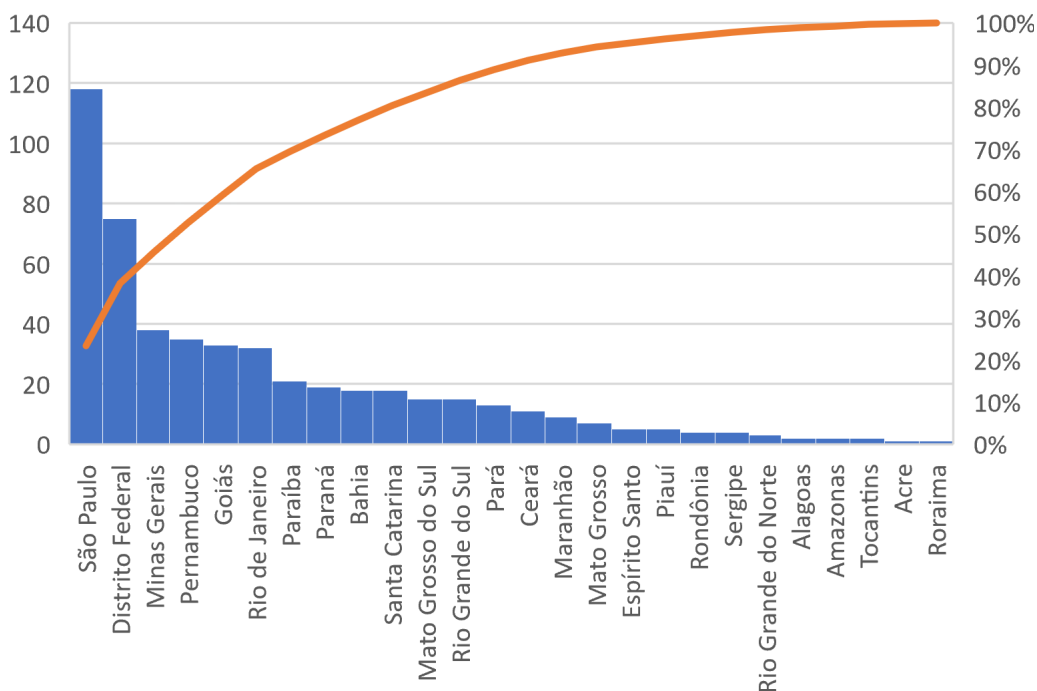
Gráfico 1: Instituições e número de professores envolvidos na oferta do curso



Fonte: Produção das autoras com base nos dados do curso.

Além de envolver professores e professoras de diferentes instituições, o curso também alcançou um total de 506 inscritos, vindos de vários lugares do país, como pode ser visto no gráfico 2:

Gráfico 2: Número de inscritos por estado



Fonte: Produção das autoras com base nos dados do curso.

Os dados evidenciam que a oferta do curso, de forma virtual, pôde ampliar o alcance das ações de extensão para além do território em que se encontra a Universidade de Brasília. O curso recebeu participantes de todas as regiões e quase todos os estados do Brasil, com destaque para os estados de São Paulo (118 participantes) e Distrito Federal (77 participantes). Entre os participantes, encontram-se profissionais que atuam em diferentes campos e redes de educação, além de ativistas e agentes políticos.

As mensagens recebidas por e-mail, Ambiente Virtual de Aprendizagem ou chat do YouTube, mostram que o objetivo foi alcançado. Uma cursista escreveu:

moro em Porto Velho. Sou uma das cursistas do curso Grandes Educadoras e Educadores Brasileiros. Quero agradecer a você e a todos os envolvidos neste evento tão necessário nos dias atuais e dizer que fiquei encantada em conhecer a vida e obras dos grandes educadores e a intensa contribuição, o imenso legado deixado por eles nos mais variados campos de atuação. Estou praticamente concluindo o meu curso de pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior e, para mim, o curso de extensão promovido por vocês tem ocasionado muitas transformações em meu modo de pensar, em minhas

reflexões e ações. Desejo um excelente Natal e que em 2022 possamos, como dizia Paulo Freire, “esperançar” dias melhores.

A cada live/aula, os e as cursistas explanavam seus aprendizados e como o curso estava contribuindo para a formação e análise da realidade do país, não só na atualidade, mas também desvendando a história dos que foram e são invisibilizados. Nas palavras de uma cursista, o curso “apresentou a muitos educadores/as maravilhosos/as que deixaram seu legado para a educação brasileira. Infelizmente, muitos/as ainda são invisibilizados/as”. Ou quando recebemos uma mensagem que dizia: “gente, quero aproveitar o momento para agradecer toda a equipe do curso de extensão da UnB por trazer com tanta qualidade essas formações para nós. Estou aprendendo muito”.

Na formação sobre Florestan Fernandes, o professor ministrante recebeu elogios e agradecimentos por, segundo os/as participantes, ter apresentado “uma discussão importante sobre educação pública, principalmente pelo que estamos vivendo na atualidade em nosso país”, e fez com que outra cursista ficasse “encantada com o pensamento de Florestan Fernandes, que é bem atual, as percepções das desigualdades educacionais na interseção de raça”.

A aula sobre Abdias do Nascimento, que propositalmente fizemos no mês de novembro, cumpriu o papel que esperávamos de trazer à tona o legado desse grande educador e fazer com que a população, sobretudo o povo preto, tivesse conhecimento de seu pensamento e obra. Abdias é uma referência fundamental na luta contra o racismo e o genocídio da população negra brasileira. Expressando-se sobre isso, uma cursista afirmou: “como mulher preta, periférica, ativista da educação e pedagoga, muito me anima ter conhecimento de uma referência como Abdias. Que um dia possamos alcançar uma sociedade antirracista”. Outra cursista realizou o seu agradecimento ao ministrante: “professor André, grata por sua colaboração tão relevante ao trazer Abdias do Nascimento no mês da Consciência Negra, quando politicamente demarcamos a importância das reflexões e ações no combate ao racismo”.

A aula sobre Anísio Teixeira, educador que não poderia faltar em curso no âmbito dos 60 anos da UnB, teve como professor o seu biógrafo e grande conhecedor da sua vida e obra. Uma aluna assim se expressou: “aula brilhante dada pelo professor João! Forma e jeito de falar aproximam muito da história. Essa mistura entre o estudioso da obra, com o calor de quem nos fala com paixão e proximidade, é tão prazerosa de se ouvir! Estou cada vez mais certa de que a educação só mudará quando, de fato, ouvirmos esses nossos educadores”.

As formações sobre as educadoras também receberam elogios, e o teor das mensagens traduz a importância da oferta do curso, sobretudo em um país pautado pelo patriarcado, que tem como praxe a invisibilização das mulheres e suas lutas. Uma estudante disse: “estou impressionada com a Nísia Floresta. Que mulher incrível que já questionava a condição das mulheres em função das estruturais desigualdades de gênero no Brasil naquela época”. Na mesma direção, outra estudante afirmou: “estou encantada com a Nísia Floresta, o quanto ela já era avançada para o seu tempo. A sua atuação nas lutas pela igualdade das

mulheres é impressionante. Estou muito feliz por tomar conhecimento sobre uma intelectual brasileira”. Nise da Silveira, também estudada no curso, teve duas aulas/lives que fizeram com que o público conhecesse mais sobre ela. Uma das mensagens que recebemos tem o seguinte teor: “mais uma live incrível sobre Nise da Silveira. É muito bom ter a oportunidade de conhecer mais de sua história e de seu trabalho por uma outra perspectiva. Uma abordagem magnífica!”.

O livro é proposto, portanto, em um ano de dupla comemoração: os 60 anos da Universidade de Brasília e o Centenário do seu idealizador, Darcy Ribeiro. Idealizada e seu idealizador são gigantes desse país, e não por acaso; ao falar da sua filha, ele assim se expressou:

a verdadeira Universidade de Brasília é a utopia concreta que subsiste calada entre seus muros no espírito dos estudantes e dos professores que guardam fidelidade ao seu espírito; mas é, também, a universidade enclausurada, que vive onde sobrevivem os que a conceberam; e é, sobretudo, a que ressurgirá em quantos, amanhã, hão de reencarná-la em liberdade e dignidade (Carta 14, 1995).

A obra traz textos das reflexões de professoras e professores que ofertaram o curso no ano do Centenário de um outro gigante educador brasileiro, Paulo Freire. O curso foi desenvolvido no ano em que a aniversariante apresenta uma campanha institucional que rememora sua missão de ser “atuante como sempre, necessária como nunca” e ratifica seu compromisso com a pesquisa, o ensino, a extensão e com a sua dedicação ao país.

O primeiro texto do livro *Paulo Freire: educando para a libertação*, os autores procuram explicitar como Freire é essencialmente um educador para a libertação, um educador popular em todos os aspectos abrangidos por essa expressão; e ressaltam as características de sua prática educativa e política que permitem caracterizá-lo como tal. Enfatiza-se inicialmente que, para Freire, a libertação autêntica (o processo de humanização) não é um depósito a ser feito nos seres humanos. A libertação é uma práxis: a ação e a reflexão de homens e mulheres sobre seu mundo para transformá-lo. Assim, elencam-se os elementos que permitem compreender como, especialmente a partir da obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire se constitui como autor profundamente identificado com as práticas políticas dos movimentos sociais.

Demonstra-se ainda como o pensamento de Freire se relaciona com as ações práticas de movimentos sociais variados nas décadas de 1960, 1970 e 1980, constituindo-se como referencial da ação política associada à ação educativa. Destaca-se a sua influência sobre a ação das CEBs, dos partidos de esquerda, do sindicalismo e das ONGs.

O capítulo seguinte, intitulado “Do direito à educação à Universidade de Brasília no pensamento anisiano”, trata do educador Anísio Teixeira e traz as contribuições temáticas do autor ao pensamento e à construção de instituições educacionais brasileiras, com uma análise institucional comparativa entre a Universidade do Distrito Federal e a Universidade de Brasília, além de discorrer sobre o projeto original da UnB em relação ao contexto no qual foi criada. Ressalta os temas e as instituições que herdamos do trabalho educacional e político

apartidário de Anísio Teixeira, concluindo que a Universidade de Brasília tem contribuído para o tema do direito à educação por intermédio de ações educacionais de sua iniciativa.

No capítulo intitulado “Florestan Fernandes e a educação: da Campanha de Defesa da Escola Pública à construção de uma pedagogia socialista”, o autor do texto aborda, em linhas gerais, a trajetória de Florestan Fernandes na educação brasileira. Partindo da constatação de que o enfoque sobre a educação sempre teve uma dimensão importante em suas investigações sociológicas, como em suas pesquisas folclóricas ou nos trabalhos sobre os povos originários (os Tupinambá) e as relações raciais entre negros e brancos, ele procurou caracterizar sua noção de “dilema educacional brasileiro” como o fundamento teórico e prático-político de sua participação na Campanha de Defesa da Escola Pública. A passagem para a construção de uma pedagogia socialista em Florestan Fernandes, por sua vez, se dará por meio da relação que irá estabelecer entre sua categoria de capitalismo dependente e o debate sobre a reforma universitária.

No texto “Nísia Floresta: autobiografia, pesquisas e perspectivas”, a autora nos brinda com a história e trajetória de uma mulher que, mesmo vivendo em uma época em que as mulheres eram criadas apenas para servir aos maridos, reivindicou uma educação digna para o sexo feminino e escreveu sobre temas diversos, dentre eles o indianismo, o nacionalismo, o positivismo e a escravidão. Mesmo diante da situação à qual a mulher era submetida pela sociedade machista da época, a autora nos conta que Nísia foi reconhecida como uma mulher à frente de seu tempo, que escreveu sobre questões culturais importantes. Muitos a consideram como a primeira feminista do Brasil.

Os dois textos sobre Nise da Silveira trazem as perspectivas de análise de quem conviveu e trabalhou com ela, e de quem estudou a sua obra. Os dois textos se complementam, assim como aconteceu no curso, com um dos autores trazendo dados autobiográficos, não só da vida, mas também da atuação dessa grande intelectual, médica e educadora que foi a Nise. O *Nise da Silveira e a humanização da doença mental* aparece no livro como anexo, por se tratar de um compilado *sobre sua vida e atuação*. O autor traz a vida e obra de Nise, sua trajetória como aluna e interlocutora de Gustav Jung, mas, sobretudo, mostra a importância que ela teve para mudar a referência de tratamento da saúde mental e da forma de ver as pessoas que sofriam de doenças psíquicas.

O trabalho pioneiro de Nise da Silveira, como aponta o autor, foi fundamental, pois ao defender o fim dos manicômios onde os doentes eram trancafiados, colaborou para a criação da Lei Antimanicomial que possibilitou o fechamento de diversas instituições e culminou na criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e das residências terapêuticas, que permitem um tratamento mais humano e diferenciado.

No segundo texto sobre a médica psiquiatra, nomeado de “Nise da Silveira: uma educadora rebelde”, o autor busca demonstrar a importância do pioneirismo de Nise da Silveira. No desenvolvimento do seu trabalho como médica psiquiatra, ela articulou diferentes saberes e práticas, desde a psicologia junguiana até a terapia ocupacional, a filosofia, as artes plásticas, a antropologia, a literatura, o teatro, o cinema, entre outros.

O autor destaca, sobretudo, a relação com a educação, tida por ele como uma relação pouco abordada por quem analisa o trabalho dela. Afirmar ele que a Nise não é só a psiquiatria rebelde ou aquela que se articulou ao campo artístico, mas a que também teve um envolvimento com diferentes práticas educativas, tanto durante sua formação quanto no desenvolvimento de seu trabalho.

No texto “Formação Social, Estado e educação brasileira: o projeto quilombista como alternativa civilizatória e pedagógica em Abdias do Nascimento”, o autor e a autora trazem o pensamento de Abdias do Nascimento sobre educação, bem como buscam demonstrar que o projeto civilizatório proposto por este intelectual encontra eco, principalmente, entre a população negra brasileira. Segundo os autores, o projeto surge desde os apontamentos críticos à ideia de que a escravidão foi um fenômeno com maior benevolência no Brasil do que em outros lugares do mundo, até a proposição de um novo processo civilizatório. Ancorado no projeto quilombista, Abdias aduz a necessidade de mudanças nas metodologias educacionais, chamando à conscientização que tenha por objetivo desenvolver um olhar afrocentrado sobre a realidade nacional. A defesa da inserção da história e cultura africana na educação é um caminho em direção a novas possibilidades civilizatórias, pois pode operar transformações na forma como as pessoas negras são vistas em suas contribuições à formação da nação brasileira.

Os recorrentes casos de racismo, a quantidade de trabalhadores e trabalhadoras, crianças e adolescentes pretos e pretas submetidos ao trabalho forçado em condições análogas à escravidão, o encarceramento da população jovem, especialmente masculina, preta, periférica e com baixa escolaridade, e o assassinato, inclusive pelo braço armado do Estado, da juventude negra e periférica, mostram a atualidade, importância e necessidade de estudarmos e conhecermos todo o trabalho e legado de Abdias do Nascimento.

O texto “Anália Franco: a educadora que o Brasil precisa conhecer” traz um pouco da vida, luta, obra e atuação da educadora, pouco conhecida no Brasil e que, assim como muitas mulheres de luta, teve sua história silenciada. A autora explicita como Anália Franco foi deixada de lado e passou por um processo de tentativa de apagamento da memória logo após seu falecimento, durante a pandemia de gripe espanhola no início de 1919, justamente por suas colegas da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo (AFBI).

A educadora, que teve grande parte de sua vivência e atuação na província e, depois, estado de São Paulo, começou a trabalhar aos 15 anos como professora auxiliar de sua mãe. Anália, logo após a promulgação da Lei do Ventre Livre, em 1871, iniciou a primeira escola maternal do Brasil, em Jacareí, com uma proposta de coeducação entre os sexos. Além disso, a educadora acolhia crianças filhas de escravizadas/os para essa atividade, o que, em um país escravocrata, não foi uma decisão muito bem-vista.

Além das educadoras e educadores já citados, o curso também trouxe o educador Darcy Ribeiro, explorando sua trajetória e seu papel no Brasil e no mundo, não só para o campo da educação, mas para pensar e tomar a América Latina e, sobretudo, o país, como um problema a ser estudado e problematizado para que possa ser transformado, construindo assim um país para o seu povo. O professor ministrante, no entanto, não submeteu a versão final do texto, o que

impossibilitou a publicação de um capítulo sobre ele a partir do que foi trabalhado no curso. Contudo, nas considerações finais, as autoras trazem elementos e os apresentam em suas conclusões.

Referências

RIBEIRO, Darcy. *Universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

RIBEIRO, Darcy. *Universidade para quê?* 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

TEIXEIRA, Anísio. Pronunciamento de Educadores sobre o projeto. *In*: RIBEIRO, Darcy (org.). *Universidade de Brasília: Projeto de Organização, pronunciamento de educadores e cientistas e Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961*. ed. esp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

Do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB

Este livro nasceu do compromisso deixado pelos dois maiores idealizadores da Universidade de Brasília, que são referências para todos nós: Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Eles tinham o objetivo de fazer da UnB uma grande referência no papel de pensar o Brasil, pautar os temas nacionais e ajudar a buscar soluções para transformar a realidade do povo brasileiro. Trata-se de um livro que resulta do curso de extensão intitulado Educadoras e educadores brasileiros: do centenário de Paulo Freire aos 60 anos da UnB, ofertado em 2021, quando o Brasil e o mundo estavam imersos na maior crise sanitária do nosso tempo: a pandemia de covid-19. Estávamos em busca de caminhos, enfrentando o negacionismo daqueles que deveriam estar à frente dos problemas, o qual trouxe graves consequências, vitimando mais de 700 mil vidas e deixando sequelas graves para a sociedade como um todo. O referido curso de extensão tratou da vida, da obra e das contribuições de educadoras e educadores do Brasil, que foram e são tão importantes para nos ajudar a pensar em caminhos, propostas, ações e políticas para os diferentes problemas do país, em sua imensa riqueza cultural, de modo a combater e reverter suas desigualdades. É um livro que, assim como a UnB, está comprometido com um novo amanhecer, em um país mais inclusivo, participativo, multicultural, democrático e sustentável.

EDITORA



UnB

